

JOÃO TORTO

CRIAÇÃO MAGNÓLIA TEATRO



DOSSIÊ PEDAGÓGICO



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETARIO DE ESTADO
DA CULTURA



ÍNDICE

Ficha artística	2
O espetáculo	3
<i>João Torto: a propósito da dramaturgia</i> , por Fernando Giestas	4
<i>Sempre tentar para nunca conseguir</i> , por Magnólia Teatro	5
Da dramaturgia de <i>João Torto</i>	6
João de Almeida Torto: Breve nota biográfica	8
<i>João Torto - Um Aventureiro do Ar</i> , por Alberto Correia	9
O primeiro avião português	10
Figuras de destaque para a aeronáutica	13
Estudo para figurinos de <i>João Torto</i>	18
Ante-projeto. Dispositivos cénicos para o espetáculo <i>João Torto</i>	19
Primeiros ensaios de <i>João Torto</i>	20
Exposição	23
Sugestão de Atividades	24
Equipa Teatro Nacional D. Maria II, E.P.E.	27

8 MAR - 1 ABR'12

SALA ESTÚDIO

4.ª a sáb. 21h15 dom. 16h15

FICHA ARTÍSTICA

criação

MAGNÓLIA TEATRO

direção artística

RAFAELA SANTOS

consultoria artística

CRISTINA CARVALHAL

dramaturgia

FERNANDO GIESTAS

cocriação e interpretação

LEONOR KEIL, MARGARIDA

GONÇALVES, MIGUEL FRAGATA E

RAFAELA SANTOS

espaço cénico

HENRIQUE RALHETA

desenho luz

JORGE RIBEIRO

figurinos

RAFAELA MAPRIL

música e desenho de som

NANU FIGUEIREDO

contrabaixo

MIGUEL LEIRIA

apoio ao projeto

FÁTIMA ALÇADA

produção executiva

MENINOS EXEMPLARES

coprodução **TNDM II E MAGNÓLIA**

TEATRO / AMARELO SILVESTRE E

FUNDAÇÃO LAPA DO LOBO

residência artística subsidiada por **DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES**

apoio à residência e à colaboração artística de Cristina Carvalhal **TEATRO VIRIATO**

apoios **LUGAR PRESENTE/COMPANHIA PAULO RIBEIRO, POUSADAS DE JUVENTUDE,**

AS CASAS DO VISCONDE

M/12

O ESPETÁCULO

Junho de 1540, o homem anunciou: “Saibam todos os senhores habitantes desta cidade, que não terminará este dia sem se ver a maior das maravilhas, a qual vem a ser um homem desta cidade voar, com asas feitiças, da Torre da Sé ao Campo de São Mateus, pelo que responde por sua pessoa e bens, João de Almeida Torto”. 20 de junho de 1540, o homem fez: lançou-se do alto da Sé de Viseu, para voar claro, com duas asas que manufacturou.

História ou Lenda?

No curso da História, a experiência de 1540 é pioneira em Portugal e sucedeu aos estudos que Leonardo da Vinci (1452-1519) desenvolveu sobre a possibilidade humana de voar.

João Torto, o espetáculo, é o sonho de todos os homens que sonham fazer mais. Em palco, o sol nasce e todos avançamos pelo dia acima. Todos somos ecos de um só homem. E tememos, vacilamos, trememos. Mas, assumimos o mesmo compromisso: tentar falhar o melhor possível. E hoje. Não podemos dormir enquanto é tempo.



Fotografia de ensaio © Filipe Ferreira

JOÃO TORTO:

A PROPÓSITO DA DRAMATURGIA

FERNANDO GIESTAS

O que procuro escrever, quando escrevo a dramaturgia de um espetáculo? Procuo, sobretudo, não escrever um texto que seja, apenas, meu. Procuo que as palavras escritas não sejam o espetáculo, mas do espetáculo.

A primeira pergunta é, invariavelmente, a mesma: o que é que eu faço agora? Depois, começam os ensaios, os atores fazem o seu trabalho, a restante equipa artística também e eu vou respirando melhor.

A dramaturgia começa a ser escrita assim que os ensaios têm início. Sim, há muito trabalho prévio mas essa é uma labuta de uma vida toda: ler livros, ver filmes, deliciar-me com as pessoas e com o que elas dizem e cheirar uma flor que cresceu entre os paralelepípedos da rua.

Mas, então, os ensaios começam e a mim compete-me escrever para corpos em movimento. Mais bem escrito: compete-me registar as palavras que aqueles corpos em movimento (os atores) me vão dizer. São, sobretudo, os actores que me dizem as palavras que eu escrevo. Seja através das próprias palavras que utilizam, seja através dos movimentos que fazem. O que é que alguém diz quando sorri? E quando levanta um braço? E quando caminha? E... xiiiuu... e quando alguém não diz nada, o que é que diz? São essas palavras que busco. Registo, registo, registo.

Não devo sentir-me culpado por assistir aos ensaios sentado a um canto e de braços cruzados, como quem tem muita preguiça para trabalhar. Só assim consigo ouvir/ver/sentir os atores. Só assim saberei escrever as palavras que eles próprios têm para me mostrar.

O que procuro, enquanto autor: que as palavras não destoem dos corpos que as vão dizer em palco, durante o espetáculo. *João Torto* foi escrito assim. Com a Leonor, a Margarida, o Miguel e a Rafaela. Espero que o texto não destoe. A destoar, a responsabilidade é minha, porque eles disseram-me as palavras certas.

SEMPRE TENTAR PARA NUNCA CONSEGUIR

MAGNÓLIA TEATRO

Há a Lenda: João Torto, em 1540, atirou-se da torre da Sé de Viseu para voar. Manufaturou duas asas, subiu lá acima e voou.

Há a História: D. Miguel da Silva, Bispo de Viseu em 1540, chegou à cidade, ou à Diocese, vindo de Itália. Destacou-se na sociedade italiana e conviveu com nomes maiores da cultura da época. Levou para Viseu ares de Itália, influenciando, nomeadamente, a pintura de Grão Vasco e a arquitetura da cidade.

E a nós interessava-nos reescrever a Lenda e a História: durante a permanência em Itália, D. Miguel da Silva terá conhecido Leonardo da Vinci. Leonardo, é sabido, sonhou com a possibilidade humana de voo. Já em Viseu, D. Miguel da Silva terá conhecido João Torto, um homem que, à semelhança do Bispo, destoava do Mundo em que vivia.

João Torto tem este perfil, de certa forma, quixotesco, “foi e não foi”, “fez e não fez”, próprio daqueles a quem nos juntamos num ato de irresponsável fé. E sorrimos e passamos a ser, todos, um sonho só.

Em 1540, João Torto não podia deixar de subir lá acima e tentar. Subir e tentar. Subir e tentar. Sonhar e tentar falhar o melhor possível. Mesmo que morresse.

Em 2012, João Torto tem que aproximar-se da pedra dura, tocar o granito frio da torre, olhar lá para cima e sorrir. Lembrar: sempre tentar para nunca conseguir.

DA DRAMATURGIA DE *JOÃO TORTO*

III

JOÃO TORTO 2
[referindo-se à cena seguinte]
(este sou eu a pensar como falhar
melhor)

JOÃO TORTO 4
(falo sobre a diferença entre voar e
voar.
começo por mastigar a palavra para
descobrir
o significado interior daquilo que
quero dizer)

JOÃO TORTO 2
Voar.
Voar.

JOÃO TORTO 4
Voar,
dito assim,
é impossível.

JOÃO TORTO 1
Claro que sim.
Voar,
assim,
é impossível.

JOÃO TORTO 3
Voar tem de sair daqui,
do nosso peito aberto.

JOÃO TORTO 2
Voar,
assim,
é possível.

JOÃO TORTO 1
Há quem não acredite que voar é
possível.

JOÃO TORTO 3
Há quem não acredite que EU voar é
possível.

JOÃO TORTO 1
(eu rio)
[não ri]

JOÃO TORTO 2, 3 e 4
[riem]

JOÃO TORTO 4
Eu próprio tenho as minhas questões.
Não são dúvidas...

JOÃO TORTO 2
Não,
são interrogações.

JOÃO TORTO 3
São «ses».

JOÃO TORTO 4
São «ses».
É isso mesmo.

JOÃO TORTO 1
Um se:
se o homem nunca tentou voar,
porque não tenta voar?

JOÃO TORTO 3
Outro se:
se o homem nunca conseguiu voar,
porque não tenta mais até conseguir
voar?

JOÃO TORTO 2 e 4
[em sobreposição desencontrada]
Outro se:
se...

VII

JOÃO TORTO 1
(FREGUÊS)
Posso?

JOÃO TORTO 4
[referindo-se à cena seguinte]
(este sou eu na barbearia que
também é
oficina)

JOÃO TORTO 1
(FREGUÊS)

Barba,
cabelo e dentes.

JOÃO TORTO 1
(FREQUÊS)

Sempre é verdade o que dizem pela
cidade,
Mestre João?

JOÃO TORTO 4

De tanto se dizer tudo o que se diz,
tudo o que se diz deixa de se dizer por
dizer.

JOÃO TORTO 1
(FREQUÊS)

E sempre vai fazer o que dizem que
vai fazer?

JOÃO TORTO 4

Há correntes de ar quente
ascendentes que
permitem ganhar altitude.
O sol aquece o solo,
a massa de ar que está em contacto
com o chão
também aquece e...
o sol no solo,
o ar quente que faz subir.

JOÃO TORTO 1
(FREQUÊS)

[em sobreposição com o que ouve]
Hã?
Ah.
Pois,
pois.

É certo,
é certo.

XII

[este sou eu deslumbrado com coisas
simples]

JOÃO TORTO 2
(INQUISIÇÃO)

[vagueia]

JOÃO TORTO 1

O que me fascina verdadeiramente
são as pegadas que os pássaros não
deixam no ar.
Voar não deixa pegadas.

JOÃO TORTO 3

Ninguém sabe por onde fomos.
Pode dizer-se:
ele foi por ali.
Mas ali é muito vago.

JOÃO TORTO 4

Voar,
digamos,
é como se fosse caminhar no ar,
mas sem deixar rasto.

JOÃO TORTO 3

E se não há rasto,
o caminho é sempre,
sempre em frente.
Não se olha para trás.
É sempre sempre,
sempre em frente.



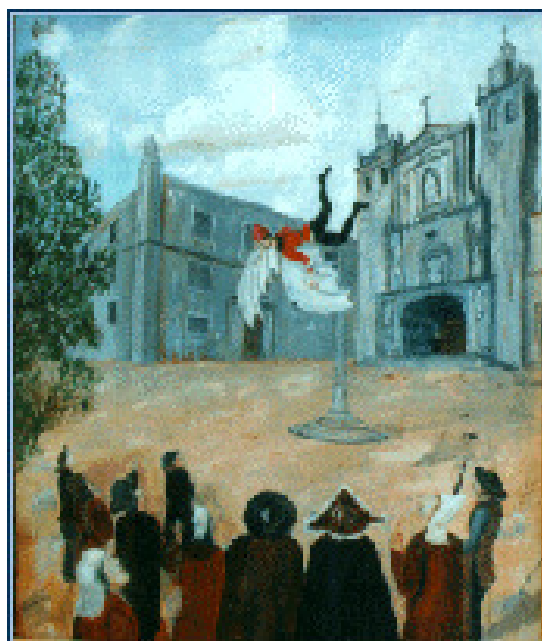
Fotografia de ensaio © Filipe Ferreira

JOÃO DE ALMEIDA TORTO: BREVE NOTA BIOGRÁFICA

A vontade de voar do homem desde muito cedo passou também pela mente de portugueses. Neste particular, há a destacar a audácia, que para a época (século XVI) teve de ser forçosamente suicida, de mestre João Torto.

João Almeida Torto era enfermeiro do hospital de Sto. António em Viseu, sendo também barbeiro com carta de sangrador, astrólogo e mestre de primeiras letras, sendo um personagem tão fanfarrão como audacioso. Anunciou publicamente que, a 20 de Junho de 1540, iria voar com asas da Torre da Sé ao campo de S. Mateus. As asas eram de pano forte e duplo, duas de cada lado, sendo mais pequenas as asas inferiores, assemelhando-se às das aves. Estas duas asas estavam ligadas por três argolas de ferro, enchumadas com trapos, e era através delas que mestre Torto introduzia os braços. Além disso, o mecanismo estava ligado na parte superior por duas dobradiças de ferro e na parte inferior por um cinto de cabedal. Os sapatos eram de solas tríplices, com estrutura amortecedora, levando ainda um barrete em feitiço de cabeça de pássaro.

No dia apazado, era grande a assistência. João Torto subiu à torre da Sé, içou o seu aparelho com a ajuda de uma corda e de lá se lançou. O voo correu bem até determinado ponto, mas, extemporaneamente, uma das asas deixou de funcionar e o barrete caiu-lhe sobre os olhos. Descreveu um arco descendente, caindo em pé na capela de S. Luís, mas logo dali caiu, ficando inanimado sobre as asas, em muito mau estado. Voltou a si duas horas depois, mas faleceu logo após. Não era ainda por esta via que o homem conquistaria o ar.



JOÃO TORTO

UM AVENTUREIRO DO AR

ALBERTO CORREIA

João Torto não é como Viriato, Grão Vasco, Rei Rodrigo ou Rei Ramiro, não é assim um dos heróis fundadores desta cidade. Fundador é, no entanto, o sonho vão deste personagem de que mais nada ficou, da sua história, senão a evocação, não sabemos até que ponto conseguida, dessa utópica tentativa de lançar-se em voo, com “máquina” de sua invenção, a partir de uma das torres da Catedral. Não sabemos quem era João Torto. E é fantasia perfeita quanto dele nos diz o Padre Henrique de Matos Cid - “a imaginação mais louca que Deus um dia criou” - que situa o seu pretense feito nos anos em que Grão Vasco atingia o apogeu da sua glória, um tempo efabulado tal como todas as circunstâncias de vida, tal como a geografia da cidade onde S. Mateus não era ainda invocado, onde a capela da Senhora dos Remédios não fora ainda construída, onde não tinha nascido ainda o primeiro hospital que se chamou das Chagas e não de Santo António, cidade onde moravam apenas algumas centenas de pessoas dentro dos muros de patine ainda nova e onde correios não havia para levar as pretensas “cartas de amor” que a rogo escreveria. Mas eu saúdo o sonho deste homem de quem nem saberemos seu verdadeiro nome, saúdo a sua “loucura”, tanto quanto a vã tentativa de Dédalo e Ícaro nesse imaginal tempo em que os mitos se criaram, saúdo a invenção de um episódio que talvez nem tenha acontecido, saúdo a força criadora, o engenho dos homens que no nosso tempo já puderam voar até à Lua, saúdo esse tempo que há-de vir, o “Admirável Mundo Novo” que nós sonhamos como se nele pudesse reinar somente o Bem.

João Torto permanecerá no imaginário de Viseu. Como Viriato, que esse foi verdade e símbolo, como Grão Vasco, que é verdade e lenda, como El-Rei Rodrigo, como El-Rei Ramiro que ambos foram reis-soldados e fantasias de romance. Neles assenta a raiz daquilo que nós somos, tanto quanto numa Carta de Feira ou de Foral, tanto quanto numa rua por essência mercantil, tanto quanto no casario das Escadinhas da Sé ou alcandorado no desvão do Miradouro, tanto quanto num Paço, numa Capela, na Catedral, tanto quanto na lição de nossos pais.

In *Jornal do Centro*, 9 de junho de 2011.

O PRIMEIRO AVIADOR PORTUGUÊS

arquivo nacional 822

O primeiro aviador português

QUEM FOI?

Barbeiro, sangrador e enfermeiro — Eis um antepassado da aviação no ano de 1540 — Como Viseu viu o seu aparelho — Da Colecção do Padre Cid a um artigo de Samuel Maia — Arqueive-se a documentação

Sempre amáveis connosco os leitores do *Arquivo Nacional* auxiliam-nos por todas as maneiras. A propósito do artigo sobre o padre Bartolomeu de Gusmão escreveu-nos de Viseu, o senhor Jaime Santos Moreira, a quem desvanecidamente agradecemos a sua carta com a documentação que nos enviou a qual faz parte o artigo publicado no nosso prezado colega *O Século* pelo nosso excelente amigo e camarada doutor Samuel Maia.

Viseu, 16 de Dezembro de 1933

Ex.^{mo} Sr. Rocha Martins

Como leitor assíduo do «Arquivo Nacional», entre os seus artigos, sempre cheios de interesse e, por vezes, duma flagrante oportunidade, deparou-se-me, ultimamente, um no qual V. Ex.^a reivindicava, e muito bem, para Portugal a glória de ter sido um dos seus filhos, o Padre Gusmão, o precursor da aviação. Que essa honra nos cabe, é incontestável. Porém, talvez se suscitem dúvidas sobre quem seria o primeiro português a voar e a data em que se realizou a primeira experiência. Assim, segundo velhos apontamentos da colecção do padre Cid, já em 1540 João de Almeida Torto, em Viseu, donde era natural, conseguiu realizar o primeiro voo, no mundo, num aparelho da sua invenção e movido pela própria força muscular do piloto.

Persuadido de que seria curioso e interessante ver publicado no «Arquivo Nacional» algumas referências sobre este facto, tomo a liberdade de lhe enviar, junto, a cópia do original da referida colecção, publicada no «Comércio de Viseu» de 2 de Fevereiro de 1922, bem como a cópia dum artigo de Samuel Maia, sobre o mesmo assunto, publicado no «Século» de 31 de Maio de 1927.

Na posse deste ilustre médico, creio que se encontra, actualmente, a colecção do Padre Cid.

Creia-me com toda a consideração

De V. Ex.^a

Att.^o Vnr. e Obgr.^o

JAIME SANTOS MOREIRA

Do «Comércio de Viseu» de 2 de Fevereiro de 1922

O HOMEM VOADOR

Em Junho de 1540, João de Almeida Torto, enfermeiro do hospital de Santo António, mestre barbeiro com carta de sangrador, astrólogo e mestre das primeiras letras, exercendo também o mister de escrever cartas familiares e de amores (estas, pelo dóbdo, do preço) mandou deitar pela cidade o seguinte pregão:

«Saibam todos os senhores habitantes desta cidade, que não terminará este mês sem se ver a maior das maravilhas, a qual vem a ser um homem desta cidade voar, com asas felizes, da Torre da Sé ao Campo de São Mateus, pelo

que responde por sua pessoa e bens. — João de Almeida Torto.»

Esta notícia alvoroçou a cidade toda e cada qual dos seus habitantes esperava com ansiedade a ocasião de ver tão estupenda maravilha. A pedido da mulher, impôs-lhe (ao Torto) o Juiz do Povo a obrigação de fazer testamento em benefício dela, pois, como filhos não havia, era para os irmãos se tal não fizesse. A pobre mulherzinha tanto lastimava aquela doídice do marido, que a muita gente comoveu, mas tolos tinham no pobre louco confiança do bom êxito da empresa. Segundo pregão anunciou o dia 20 de Junho pelas 5 horas da manhã.

Na véspera, algumas pessoas, acompanhadas do Juiz do Povo, dirigiram-se a casa do inventor e pediram se lhes mostrava o seu maravilhoso invento.

O bom do homem não só mostrou o invento, mas deu categóricas explicações do modo de obrar e do fim que tinha cada uma das peças.

As asas, eram de pano forte e duplas, isto é, eram duas de cada lado, sendo mais pequenas as inferiores e semelhavam uma asa de ave.

Estas duas asas estavam ligadas por três argolas de ferro, enchumagadas em trapos e era por elas que o Almeida devia meter os braços. Além disso estavam ligadas, por a parte superior, por duas dobradiças de ferro e pela parte inferior por um cinto de cabedal. Os sapatos eram de solas triplices, havendo entre elas espaços para atenuar a queda. Tinha também um barrete do feitio dum cabeça de pássaro, com um bico enorme e aberto.

O inventor levou a sua complacência a vestir o aparelho e a elevar-se alguns pés acima do solo e dar assim uma volta ao quintal.

No dia seguinte, ainda a aurora não tinha despontado, e já o Campo de São Mateus estava coberto de espectadores que vinham dos povos e quintas circunvizinhas, e o Adro cheio de gente da cidade.

As 4 horas era enorme a multidão de povo. O novo leão subiu à torre da Sé e para lá guindou por uma corda o seu aparelho, sendo neste serviço coadjuvado por algumas pessoas. A mulher estava á porta da Capela de Nossa Senhora dos Remédios, contemplando tristemente todas as manobras.

O homem, às 5 horas, precisamente, já preparado, saltou da torre e fazendo manobrar as asas descreveu demoradamente uma linha inclinada, tomando por mira a Capela de São Mateus.

Foi bem até certo ponto, mas uma das asas deixou de trabalhar e o barrete caindo-lhe para os olhos o fez descrever uma linha em arco e sempre descendente até que ficou em pé sobre o telhado da Capela de São Luiz, mas logo caiu ficando sobre as asas. Dali o tiraram sem sentimento. Desembaraçando-o do aparelho viu-se que tinha o braço esquerdo deslocado no ombro e em volta da cintura a impressão do cinto. Um dos sapatos desapareceu na trajectória. Uma das dobradiças tinha emperrado de tal forma que nem a

martelo se pôde dobrar. O homem voltou a si, 2 horas depois, sem o menor juízo e tolo morreu dias depois.

(ANA GOMES)

Em 1815, apareceu um novo Ícaro que se propôs atravessar a praça dum vôo em âsas também feiças, mas supomos que doutra edição ou modêlo. Este saltou duma armação de madeira que tinha formado sobre o telhado da própria casa, mas caiu pouco distante da porta dela, quebrando ambas as pernas.

(Da Colectânea, do Padre H. Cid)

«O Século», 31 de Maio de 1927

MESTRE JOÃO TORTO—PRIMEIRO AVIADOR

Em todos os tempos as grandes façanhas da vontade ou da inteligência tentaram o brjo e sagacidade dos dêbeis mentais. Nunca um dêsses pobres de espírito empreendeu a descoberta de um mata-moscas, de um engraça-botas; a matemática da roleta ou da série infalível, a correspondência com os mundos visíveis ou invisíveis, quadram melhor ao seu temperamento: Os retorcidos problemas, de preferência com suspeita de insolúveis, excitam-lhes a cobiça invencionista, perturbam-lhes o juízo, prendendo-os a um fado.

Houve uma época em que a transformação dos metais em ouro, a preparação daquela maravilhosa pedra filosofal que daria a longa vida, ocuparam as imaginações delirantes. Mas, nascida dessa barafundosa actividade a ciência química, logo os pobres loucos abandonaram as retortas e deram em outra teima que vinha de longe, desde o crepúsculo dos deuses, quando nas alturas perpassou a imagem de Ícaro.

E essa veio até nossos dias. Trinta anos atraz, ainda os escolares diziam, ao verem um solitário gesticulando, conversando para o interior: «Anda a descobrir a direcção dos balões». Resta-lhes agora a quadratura do círculo e, se lhes furtarem essa, terão de resignar-se à empresa de endireitar a sombra da vara torta.

Orá nos pesa, confessemos, que sem a pertinácia dos dêbeis, ou exuberantes mentais, uns e outros tocados pelo grão da loucura, a humanidade se conservaria estagnada. O perfeito juízo é praticamente a integral maçada, tediosa, insuportável. Daí, talvez, o respeitoso pânico e a admiração misteriosa que o povo manifesta pelos tontos de confusa linguagem, que pregam a regeneração e felicidade perpétuas. Dêsses maníacos êle sabe que lhe vem, de umas vezes, a desgraça, de outras, o prodígio, ou feitos assombrosos.

A aviação não existiria sem a colaboração obstinada, através de séculos sem fim, dos delirantes que por força e com risco de vida persistiam em subir ás núvens. E não houveram de tentá-lo os inquietos de

espírito, se os muito consideráveis e sábios, como Leonardo de Vinci, pintor, engenheiro, poeta, alquimista, architecto, o estranho génio que levava a tomarem-no por bruxo, também não mordessem a peçonha e andassem cubiçosos por visitar Júpiter tonante em sua casa.

Saberemos avaliar a impressão e contágio exercido pelos actos notórios de homens desta categoria?

Mesmo falhas, as suas tentativas correram mundo. O próprio insucesso poderá servir de estímulo aos desejos de uma mente instável. E, então, cabe perguntar, tendo reparado na cronologia, se o eco de tais aventuras não foi a determinante da crise inventiva de um beirão do século XVI, que na manhã de 20 de Junho de 1540 se propôs afrontar o céu com o vôo audacioso das suas âsas?

Seria um caso de delírio efabulante ou imaginativo, como hoje lhe chamam os psiquiatras, mas não deixou de ser a primeira tentativa de aviação realizada em Portugal e em todo o mundo.

João de Almeida Torto, residente em Viseu, era como de Vinci, homem de muitas prendas, embora bem mais modestas. Enfermeiro do hospital de Santo António, mestre de primeiras letras, escrevente de cartas familiares e de namôro, estas pagas a dobrar, de todos os officios ganhava pecúnia e bom conceito. Mestre João, por tantos títulos mestre, era alguém no burgo do bispo D. Diogo Ortiz, quando mandou deitar este pregão surpreendente: «Saibam os senhores habitantes desta cidade de Viseu que não acabará este mês sem se ver a maior das maravilhas, a qual vem a ser um homem voar, com âsas feiças, da torre da Sé até ao Campo de São



Sé de Viseu

Mateus».

Foi grande o alvoroço de riso e dô, mas não tanto que tolhesse a credulidade de crescer intra-muros e alastrar pelo mais afastado termo.

A' consorte, que o vira ocupado na fábrica do mecanismo, pareceu grave a circunstância e não cessou de, com seus ais, pedir ao juiz do povo que lhe valesse. Porque maneira? Obrigando o maníaco João a testar em seu favor, pois, sendo maninha de filhos, correriam bens para os cunhados.

Bem se apiedavam os ânimos, mas a curiosidade pelo feito cobria a lástima e o que mais se queria era vêr o homem estatelado ou vitorioso da prova.

Na verdade, o propósito de mestre João Torto não significava, apenas, um delírio verbal, ou projecto incoordenado, antes traduzia um plano extenso e maduro, desenvolvido em segredo, quanto ao seu destino, durante a execução. A forjar, coser e ferrucar consumira meses, sem que a solércia feminina lhe desse com o sentido. Só quando levava a termo a tarefa e lançado o pregão, se soube aonde a fantasia o encami-

(Conclui na página 831)

O sábio Eyrítis, depois de analisar a obra do nosso glorioso compatriota, declarou: que a sua obra «é uma descrição pormenorizada e exacta do Mar Vermelho e das paragens vizinhas, a primeira feita segundo observações matemáticas».

Jubilosamente queremos, mais uma vez, acentuar não ter sido o acaso o condutor benévolo das nossas armadas; que se os nossos marinheiros mostravam audácias sem par, do mesmo modo se davam ao estudo da navegação, faziam suas observações e alguns deles se tornavam mestres a ponto de Cristovão Colombo ter aprendido em Portugal o que lhe serviria, depois, para a sua viagem á América.

Um dos Côrtes Reais conhecia o caminho da Terra dos Bacalhãos antes d'elle; dos Açores tentara-se já a navegação para o occidente, não se considerando,



Infante D. Luis.

porém, ser alli a Índia como o julgou, até á hora da morte, o almirante ao serviço de Espanha mas que tomara suas luzes de pilotagem e conhecimentos especiais entre portugueses.

A exposição do Museu de Marinha, com outras iniciativas referentes ao culto da História de Portugal, são dignas de registo.

O *Arquivo Nacional*, publicação, cujo principal objectivo consiste em divulgar algumas das páginas mais intensas da antiga vida portuguesa, não podia deixar de aplaudir, sincera e entusiasticamente, esta e outras manifestações de amor pela tradição e culto pelo levantamento do nome nacional.

Aos nossos leitores que nos têm animado, prometemos acompanhar, e até preceder, com sucintas narrações, todas as tentativas que se façam para o fim que, na realidade, fomos os primeiros a tentar.

QUEM FOI?

(Conclusão da pag. 823)

nhava. E vieram, então, sisudas pessoas de grave entendimento mirar e julgar a obra, apresentada e descrita pelo seu autor. Presente o Juiz do Povo, mais o Padre Bartho, cronista de muitas luzes, conceituado entre o cabido, mais D. Maria da Glória, preciosa sábia de grande fama, letrada e escrevedora de noticias, além de um reduzido público de cônegos e freires, mostrou o aviador, peça por peça, todos os detalhes da aeronave, que teria por motor a força muscular do notável enfermeiro.

Quatro asas de pano forte sendo duas inferiores mais pequenas, imitando as de pássaro, maiores as superiores, uniam-se em duas parelhas sortidas, com arcos de ferro, chumacados de trapo, para-cochim e presa dos braços. Os dois grupos seriam mantidos em posição e na distância precisa, mediante dobradiças fincadas na parte alta, ou dorsal e por cinturões em cõuro na ventral.

Também o inventor se lembrara de precaver os pés com sapatos de triplíce sola com a singular disposição de câmaras de ar, entre as diversas camadas, para amortecer a queda. E agora a parte mística: um barrete em forma de cabeça de águia com grande bico aberto adornaria a frente do voador.

A criação indumentária, que hoje uns classificam de totem, ou mascotte, outros de rúbrica licantrópica, só aborrecimentos veio a causar a mestre João Torto.

Feita a demonstração oral perante o selecto auditório, seguiu-se o ensaio prático, no quintal da casa que o novo Icaro, como D. Maria da Glória lhe chama na sua memória, percorreu voando.

Tanto bastou para que a fé no prodígio também voasse além dos outeiros e na manhã de 20 de Junho, o sol fora, todo o vasto campo de S. Mateus, as ladeiras que ascedem ao adro da Sé, altas e cumeadas, tivessem gente que livraria uma chuvada de verter pinga no

chão. Mestre João Torto, ás 4 da madrugada, começou içando o aparelho para a torre.

Junto á capela dos Remédios assistia ao endemonhado espectáculo a mulher do herói, única descrente e adversária da prova, entre a vasta multidão, aguardando trémula, o desastre, fatal, em seu entender.

Pronto e equipado, tomando a boa posição, ás 5 precisas, desamarrou da torre, lançando-se no espaço.

E, abertas nesse momento todas as bõcas, nenhuma despegou sem nem suspiro. Suspenso o homem no ar, a correr para a méta, foram suspensos os fôlegos até que o bico de águia, correndo-lhe para os olhos, o perturbou e fez descrever um gancho de parábola, indo parar sobre um telhado, a mais de metade do percurso. Colheram-no em desmaio. Como avaria lhe reconheceram um ombro deslocado.

Duas horas depois, recuperou os sentidos, mas o juízo nunca mais, e louco veio a falecer, poucos dias passados sobre o successo.

Enfermeiro, astrólogo, barbeiro, mestre escola, secretário de amantes, a mestre João Torto, de tantas artes officiante, ainda cabe o título de proto-mártir da aviação. Humilde e obscura façanha a sua, nem assim asseveramos a sua inutilidade, pois se ignora como germinam nas almas as forças desconhecidas, os impulsos e energias misteriosas, transmitidas em potencial de génio na geração.

E por essa suspeita, mesmo que seja um pouco superstição, bem merece a homenagem da nossa simpatia, lembrando o seu acto de semi-louco, agora, quatrocentos anos depois, averiguado como o mais assombroso «récord» deitado por alguém. Ser campeão do mundo da distância e da altura durante séculos nunca mais acontecerá.

SAMUEL MAIA

Assim fica arquivada a noticia deste primeiro aviador nacional, o qual entra na categoria dos Humildes da História.

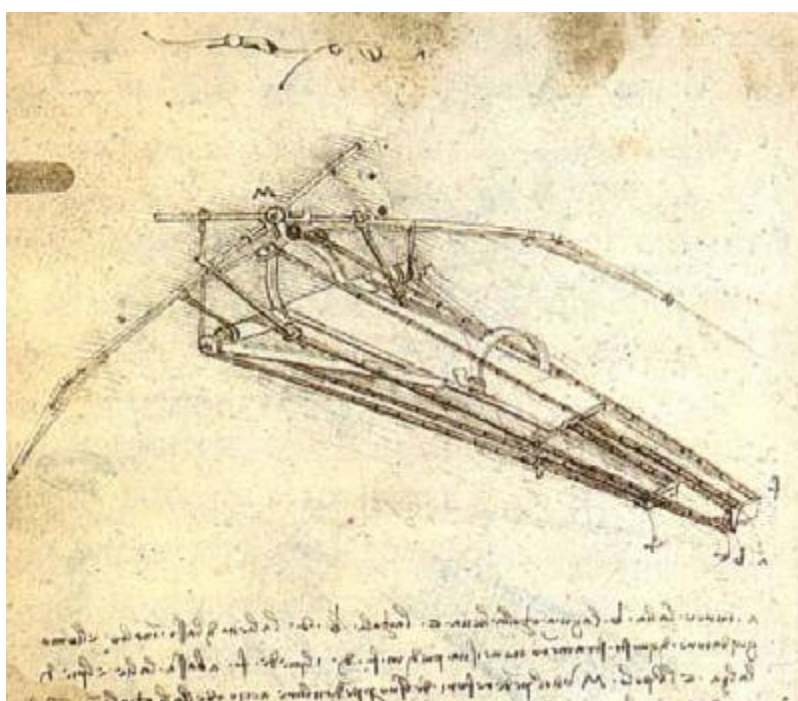
FIGURAS DE DESTAQUE PARA A AERONÁUTICA

ARQUIMEDES (287 - 212 A.C.): UMA INFLUÊNCIA PARA MUITOS, COMO BARTOLOMEU DE GUSMÃO

Arquimedes foi o matemático mais famoso da antiga Grécia. Ensinou o cálculo de raízes quadradas, determinou alguns perímetros com toda a exatidão, calculo valor aproximado π e resolveu equações cúbicas com recurso a secções cónicas. Além disso, são-lhe atribuídas algumas descobertas da área da Física tais como as leis do centro da gravidade, do plano inclinado, da alavanca e da impulsão.

LEONARDO DA VINCI (1452 -1519): O INTERESSE PELA AERONÁUTICA

Leonardo nasceu a 15 de abril de 1452, na pequena cidade de Vinci, perto de Florença, centro intelectual e científico da Itália. O seu talento artístico cedo se revelou, mostrando excepcional habilidade na geometria, na música e na expressão artística. Reconhecendo estas suas capacidades, o seu pai, Ser Piero da Vinci, mostrou os desenhos do filho a Andrea del Verrocchio.



O grande mestre da renascença ficou encantado com o talento de Leonardo e tornou-o seu aprendiz. Em 1472, com apenas vinte anos, Leonardo associa-se ao núcleo de pintores de Florença.

Não se sabe muito mais acerca da educação e formação do artista, no entanto, muitos autores afirmam que o seu conhecimento não provém de fontes tradicionais, mas sim da observação pessoal e da aplicação prática das suas ideias.

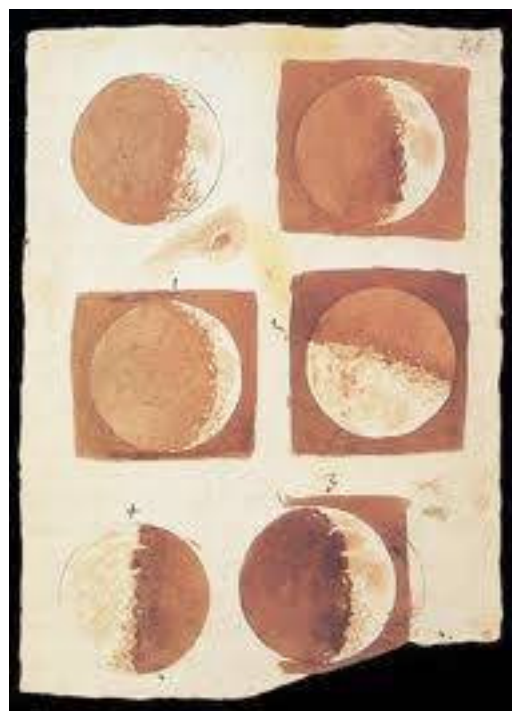
Pintor, escultor, arquiteto e engenheiro, Leonardo da Vinci foi o talento mais versátil da Itália do Renascimento. Os seus desenhos, combinando uma precisão científica com um grande poder imaginativo, refletem a enorme vastidão dos seus interesses, que iam desde a biologia, à fisiologia, à hidráulica, à aeronáutica e à matemática.

Durante o apogeu do Renascimento, da Vinci, enquanto anatomista, preocupou-se com os sistemas internos do corpo humano, e enquanto artista interessou-se pelos detalhes externos da forma humana, estudando exaustivamente as suas proporções.

GALILEU GALILEI (1564 - 1642): "DOIS OBJETOS DE PESOS DIFERENTES, MAS FEITOS DA MESMA MATÉRIA, CAEM A VELOCIDADES IGUAIS"

Matemático, astrónomo e físico italiano, Galileu nasceu a 15 de fevereiro de 1564, em Pisa, e morreu a 8 de janeiro de 1642, em Arcetri, uma localidade perto de Florença. É considerado o fundador do método experimental. Descobriu a lei da aceleração uniforme da queda dos corpos e a lei do isocronismo das pequenas oscilações do pêndulo, entre outras, tendo conseguido traduzi-las matematicamente. Publicou a obra *Tratado das Esferas*.

Tendo ouvido falar da invenção do telescópio, Galileu desenvolveu um método de ajuste de lentes que lhe permitiu construir e usar esse instrumento na observação astronómica. Graças a essa adaptação, constatou que a superfície da Lua não era plana, como se supunha, mas irregular, observou que a Via Láctea era composta de estrelas, e descobriu e nomeou os satélites de Júpiter. As observações que publicou em *Siderius Nuncius* foram muito criticadas pelos astrónomos ligados às ideias de Cláudio Ptolomeu. Galileu abraçou publicamente a teoria copernicana de um universo heliocêntrico e de uma Terra móvel, o que lhe valeu numerosas críticas, nomeadamente por tais noções serem contrárias àquelas presentes na Bíblia. Por esse motivo, Galileu foi julgado e condenado em 1633, e teve de abjurar perante a Inquisição.



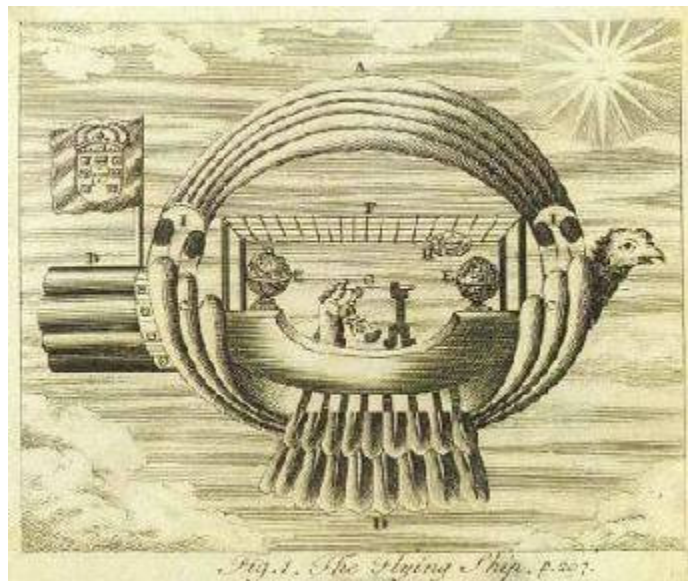
Desenhos da Lua, feitos por Galileu, provavelmente no Inverno de 1609/10

BARTOLOMEU DE GUSMÃO (1685-1724): O PERCURSOR DA UTILIZAÇÃO DO AERÓESTATO E A SUA EXPERIÊNCIA COM A PASSAROLA, EM LISBOA (1709)

Nasceu em Santos, S. Paulo, no Brasil, e fez estudos no Seminário jesuíta de Belém, na freguesia de Cachoeira, Capitania da Baía, onde se ordenou. Desde muito cedo se interessou pelo estudo da Física, tendo concebido uma máquina de elevação de água a 100 metros de altura, no Seminário de Belém. Em 1701 veio para Portugal, tendo regressado ao Brasil pouco depois, para voltar a Portugal em 1708 a fim de fazer o curso de Cânones da Universidade de Coimbra. Aqui desenvolveu os seus estudos de Física e Matemática. Em 1709 dirigiu uma petição a D. João V anunciando que tinha descoberto "um instrumento para se andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar". O rei concedeu-lhe privilégio para o seu instrumento por alvará de 19 de Abril de 1709. Fez várias experiências com balões de ar aquecido, algumas delas na presença de D. João V e da corte.

Em 1713 partiu para a Holanda onde pretendia desenvolver as suas experiências. Voltou em 1716 e concluiu em 1720 o curso universitário que tinha interrompido. Fundada a Academia Real de História em 1720, foi nomeado académico e D. João V colocou-o na Secretaria de Estado tendo-o nomeado fidalgo-capelão da casa real e concedeu-lhe rendimentos no Brasil. Foi encarregado pela Academia de escrever em português a História do Bispado do Porto.

Pouco antes de morrer converteu-se ao judaísmo e em 1724 fugiu para Espanha evitando as perseguições da Inquisição de que era alvo. Faleceu num hospital de Toledo, Espanha, durante a fuga, em 1724.



Gravura de 1709

ISAAC NEWTON (1643 - 1727): O FUNDADOR DA LEI DA GRAVITAÇÃO UNIVERSAL

Cientista inglês de renome internacional que, além de físico, foi um excelente matemático, mecânico, químico e teólogo. Foi um dos criadores, junto com Leibniz, do cálculo infinitesimal. Também foi descobridor de várias leis da física, entre elas a lei da gravidade. Para ele, a função da ciência era descobrir leis universais e enunciá-las de forma precisa e racional.



Margaret Bourke-White



Willy Ronis



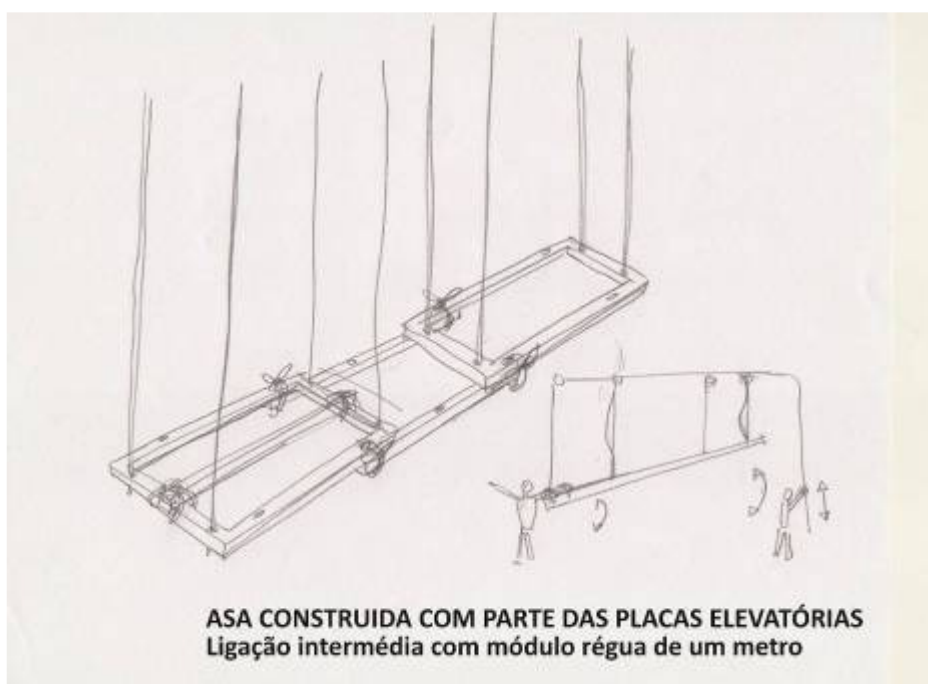
Willy Ronis

ESTUDO PARA FIGURINOS DE *JOÃO TORTO*

FIGURINOS DE RAFAELA MAPRIL



ANTE-PROJETO. DISPOSITIVOS CÉNICOS PARA *JOÃO TORTO*



PRIMEIROS ENSAIOS DE *JOÃO TORTO*



Fotografias de ensaios © Luís Belo



Robert e Shana Parkeharrison



Robert e Shana Parkeharrison



Robert e Shana Parkeharrison



Robert e Shana Parkeharrison

EXPOSIÇÃO

JOÃO TORTO

8 MAR - 1 ABR'12

8, 9, 10 mar | 21h15

11 mar | 15h30 às 16h15

14 mar - 1 abr, 4.ª a 6.ª | 15h às 18h

1.ª Ordem

Por ocasião do espetáculo *João Torto*, o Teatro acolhe a exposição proposta pela Magnólia Associação, de objetos variados, como complemento à ação criativa, onde se incluirão ilustrações de Luís Belo, Rodrigo Gonçalves e José Cruzio e instalações de Ana Seia de Matos e Beatriz Rodrigues.



© Luís Belo

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

TAREFAS A DESENVOLVER COM OS ALUNOS

ANALISAR

Analisar com os alunos a pintura *Landscape from a Dream* (1936-8), de Paul Nash, tendo em conta os seguintes elementos: a simbologia dos pássaros; o sonho, no sentido freudiano de revelação do inconsciente; o espelho e o auto-retrato; a sobreposição de planos (terra, céu, mar).



DEBATER

A partir do poema "De 1 a 65" de José de Almada Negreiros, discuta-se em aula a simbologia do voo e a dicotomia pequenez/grandezza.

De 1 a 65

"N'adhérez jamais."
Georges Braque

Nas d'asas
com asas
cortaram-me as guias
de pé no chão
cortaram-me os pés
cresceram as asas
sei só voar
sem pé em terra
sem pé no mar
tenho pé no ar
filho d'asas
sabe voar

esta grandeza de não a ter
é mais pequena que a de não desejar tê-la

e se o preço de participar é grandeza
não contem comigo
não participo
não participo nem contra grandeza

nasci ar
em forma de gente

nasci luz
em forma de gente

não me compreendo
e respiro-me
e vejo-me textual

a forma de gente faz-me agir fora do que nasci ar
fora do que nasci luz

e nasci ar para forma de gente
e nasci luz para forma de gente

nasci antes de mim
antes de forma de gente

era génio antes de nascer
em forma de gente

a forma de gente não me deixa ser o génio que nasci

ESCREVER

1. Parta-se da discussão nas três cenas de *João Torto* (pp. 6 e 7) sobre a capacidade e/ou incapacidade de voar e aproxime-se este excerto de uma das imagens sobre a invenção e experimentação do voo inseridas neste dossiê.

2. Depois do debate feito na aula, peça-se aos alunos um texto de uma página que dê continuidade à seguinte notícia, apelando à criatividade e capacidade de especulação dos alunos:

Em Junho de 1540, João de Almeida Torto, enfermeiro do hospital de Santo António, mestre barbeiro com carta de sangrador, astrólogo e mestre das primeiras letras, exercendo também o mistér de escrever cartas familiares e de amores (estas pelo dôbro do preço) mandou deitar pela cidade o seguinte pregão: "Saibam todos os senhores habitantes desta cidade, que não terminará este dia sem se ver a maior das maravilhas, a qual vem a ser um homem desta cidade voar, com asas feitiças, da Torre da Sé ao Campo de São Mateus, pelo que responde por sua pessoa e bens, João de Almeida Torto".

3. Promova-se a continuidade da escrita do excerto da cena XII aqui inserido, imaginando que João Torto encontra outra personagem que não ele próprio.

ESCUTAR

Dar a ouvir alguns excertos de *A Lenda do Homem Pássaro*, de J. P. Simões, música inspiradora a esta criação.

VISIONAR

Visionar o filme de Alan Parker, *Birdy* (1984), e analisar a simbologia do voo e a fixação perturbadora da personagem Birdy com as aves.

EQUIPA TEATRO NACIONAL D. MARIA II, E.P.E.

direção artística **JOÃO MOTA**

conselho de administração **CARLOS VARGAS, ANTÓNIO PIGNATELLI, SANDRA SIMÕES**

secretariado **CONCEIÇÃO LUCAS**

motorista **RICARDO COSTA**

atores **JOÃO GROSSO, JOSÉ NEVES, LÚCIA MARIA, MANUEL COELHO, MARIA AMÉLIA MATTA, PAULA MORA**

direção de produção **CARLA RUIZ, MANUELA SÁ PEREIRA, RITA FORJAZ**

direção de cena **ANDRÉ PATO, CARLOS FREITAS, ISABEL INÁCIO, MANUEL GUICHO, PAULA MARTINS, PEDRO LEITE**

auxiliar de camarim **PAULA MIRANDA, PATRÍCIA ANDRÉ**

pontos **CRISTINA VIDAL, JOÃO COELHO**

guarda-roupa **GRAÇA CUNHA**

direção técnica **JOSÉ CARLOS NASCIMENTO, ERIC DA COSTA, VERA AZEVEDO**

maquinaria e mecânica de cena **VÍTOR GAMEIRO, JORGE AGUIAR, MARCO RIBEIRO, PAULO BRITO, NUNO COSTA, RUI CARVALHEIRA**

iluminação **JOÃO DE ALMEIDA, DANIEL VARELA, FELICIANO BRANCO, LUÍS LOPES, PEDRO ALVES**

som / audiovisual **RUI DÂMASO, PEDRO COSTA, SÉRGIO HENRIQUES**

manutenção técnica **MANUEL BEITO, MIGUEL CARRETO**

adereços **VIRGÍNIA RICO**

motorista **CARLOS LUÍS**

direção de comunicação e imagem **RAQUEL GUIMARÃES, TIAGO MANSILHA**

assessoria de imprensa **JOÃO PEDRO AMARAL**

produção de conteúdos **MARGARIDA GIL DOS REIS***

design gráfico **JOÃO NUNO REPRESAS*, MARGARIDA KOL***

direção administrativa e financeira **CARLOS SILVA, EULÁLIA RIBEIRO, ISABEL ESTEVENS**

controlo de gestão **MARGARIDA GUERREIRO**

tesouraria **IVONE PAIVA E PONA**

recursos humanos **ANTÓNIO MONTEIRO, MADALENA DOMINGUES**

direção de manutenção **SUSANA COSTA, ALBERTINA PATRÍCIO**

manutenção geral **CARLOS HENRIQUES, LUÍS SOUTA, RAUL REBELO, VÍTOR SILVA**

informática **NUNO VIANA**

técnicas de limpeza **ANA PAULA COSTA, CARLA TORRES, LUZIA MESQUITA, SOCORRO SILVA**

vigilância **GRUPO 8***

direção de relações externas e frente de casa **ANA ASCENSÃO, CARLOS MARTINS, DEOLINDA MENDES, FERNANDA LIMA**

bilheteira **RUI JORGE, CARLA CEREJO, NUNO FERREIRA**

recepção **DELFINA PINTO, ISABEL CAMPOS, LURDES FONSECA, PAULA LEAL**

assistência de sala **COMPLET'ARTE***

direção de documentação e património **CRISTINA FARIA, RITA CARPINHA***

livraria **MARIA SOUSA**

biblioteca | arquivo **ANA CATARINA PEREIRA, RICARDO CABAÇA**

** prestações de serviços*